

DA PROPRIOCEPÇÃO À APROPRIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: UMA PRÁTICA CORPORAL COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Laura Pozzana¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Virgínia Kastrup²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O deslocamento espacial é um dos maiores problemas que as pessoas com deficiência visual enfrentam. Com a falta da visão, elas normalmente têm dificuldade de antecipar obstáculos ao se locomoverem e também apresentam menor estabilidade corporal, na posição vertical. Estas dificuldades podem ser atenuadas, até mesmo transformadas, através de práticas corporais voltadas para o aprendizado e o aprimoramento da relação com o espaço - como é o caso das práticas de Orientação e Mobilidade (OM) que priorizam o uso da bengala. O objetivo deste estudo é analisar o problema da mobilidade a partir da propriocepção, em práticas grupais de experimentação do corpo no espaço. O estudo busca referencial teórico nas ideias de Hatwell, Merleau-Ponty, Varela, Godard e Latour. A pesquisa-intervenção realizada na Oficina de Corpo, Movimento e Expressão, no Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, utiliza o método da cartografia para acompanhar processos e rastrear alguns dos efeitos que se referem à ativação dos sentidos do corpo em movimento. Concluímos que a propriocepção em práticas corporais grupais concorre para a apropriação da experiência e para a expansão de territórios existenciais tende a produzir maior confiança e autonomia no mundo.

Palavras-chave: experimentação; corpo; deficiência visual; movimento; propriocepção

¹ Doutora em Psicologia pela linha de pesquisa Cognição e Coletivos (UFRJ). Atualmente é pós-doutoranda CAPES/FAperj no PPGP da UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, Psicóloga Clínica e Instrutora do Sistema Rio Aberto. laura.pozzana@gmail.com

² Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. virginia.kastrup@gmail.com

FROM PROPRIOCEPTION TO THE APPROPRIATION OF EXPERIENCE: A BODY PRACTICE WITH VISUALLY DISABLED PEOPLE

Abstract

The spatial displacement is one of the biggest problems that visually disabled people face. With the lack of vision, they usually find it difficult to anticipate obstacles to move around and also have lower body stability in the upright position. These difficulties can be attenuated, even transformed, through body practices aimed at learning and improving the relationship with space - such as the Guidance and Mobility (GM) practices that prioritize the use of the white cane. The purpose of this study is to analyze the problem of mobility from the proprioception in group practices of experimentation of the body in the space. The study seeks theoretical reference in Hatwell, Merleau-Ponty, Varela, Godard and Latour. The research-intervention carried out in the Workshop of Body, Movement and Expression, at Instituto Benjamin Constant, in Rio de Janeiro uses the cartography method to monitor processes and to trace some of the effects that refer to the activation of the senses of the body in movement. We conclude that proprioception in group corporal practices contributes to the appropriation of experience and to the expansion of existential territories tends to produce greater confidence and autonomy in the world.

Keywords: experimentation; body; visually disabled; movement; proprioception

INTRODUÇÃO: CORPO, CEGUEIRA E DESLOCAMENTO ESPACIAL

Na circulação de cegos pela cidade, percebemos que eles apresentam dificuldades na movimentação autônoma. Nota-se um corpo que constantemente se protege do perigo, caminhando com frequência de forma contraída e defendida. Mesmo sem a presença concreta de algo ameaçador, o corpo parece ficar em uma posição defensiva, apreensiva, parecendo pouco articulado e tenso. A literatura sobre deficiência visual indica que a movimentação corporal no espaço é um grande problema, talvez o maior deles, para as pessoas que não contam com o sentido da visão. Como a visão é importante no apoio corporal, na estabilização da postura vertical e do movimento, a cegueira traz problemas no deslocamento espacial (HATWELL, 2003, PEREIRA, 1989, CROCE; JACOBSON, 1986, BARBER; LEDERMAN, 1998, KASTRUP; SAMPAIO; ALMEIDA; CARIJÓ, 2009).

Segundo Yvette Hatwell (2003), nos bebês cegos a cabeça pende para frente em função da gravidade, já que esta não é compensada pela ação de ver algum objeto diante de si. A mirada de algo faz com que o bebê se alinhe e comece a estruturar-se ativamente, tendo presente os eixos vertical e horizontal. A cabeça caída para frente acaba chamando atenção das pessoas do entorno social que buscam corrigi-la, mandando colocá-la para trás. Isto é notado, sobretudo nos adultos, como uma tendência de ter o queixo projetado para frente. Hatwell comenta que para localizar um som no espaço, crianças cegas costumam direcionar à frente uma das orelhas (a orelha direita) para captar melhor o estímulo auditivo. Nestas condições, ao conversar com alguém, é comum que o cego fique com a cabeça virada e não de frente para quem conversa. Quando esta posição é adotada durante a locomoção, cabeça e tronco ficam em planos distintos, gerando problemas na postura global e para caminharem em linha reta.

As pessoas cegas e com baixa visão costumam enfrentar dificuldades para antecipar a presença de objetos, pessoas e veículos. Hatwell chama este fato de “ausência de pré-visão” (2003, p.93). A impossibilidade de percepção

à distância, do caminho e dos obstáculos, obriga a pessoa cega a prestar atenção nos diferentes signos sensoriais do momento presente (auditivos, táteis, olfativos, etc.) e a recorrer à memória (lembrar dos cruzamentos principais, das lojas que existem no caminho, dos nomes das ruas, da correspondência entre cheiros e posições, etc.). Por isto, muitos cegos têm a marcha mais lenta do que as pessoas que enxergam. Nenhuma outra modalidade perceptiva se equipara à visão em relação a quantidade e a qualidade dos dados que podem ser apreendidos simultaneamente, sobretudo aqueles ligados às propriedades espaciais e do ambiente (HATWELL, 2003). Este aspecto é importante pois, o modo como cada um lida com o fato de não poder captar de uma só vez os inúmeros detalhes do ambiente é constituinte de um corpo no mundo. Na experimentação que considera um mundo perigoso em si, há produção de um corpo que constantemente pensa no perigo, se protege dele e caminha pela cidade de forma contraída e amedrontada. Mesmo sem a presença concreta de algo ameaçador, a ameaça do perigo se faz sempre presente, engendrando um corpo pouco articulado e rígido. Esta postura defendida no mundo, este modo de perceber e se mover, atinge sobretudo o pescoço, os ombros, os joelhos, os tornozelos e a coluna. Em geral, considera-se que determinadas anomalias, como pescoço e coluna rígidos, pernas pouco flexíveis, cabeça que pende para baixo ou para cima, precisam de uma reeducação para que o indivíduo cego ganhe maior mobilidade. Buell (1985) sugere que pessoas cegas e com baixa visão exibem tensões elevadas ao realizarem atividades rotineiras. Embora tais fenômenos abordados pela literatura guardem sua importância, importa sublinhar aqui que o corpo rígido se constitui a partir de hábitos e de uma relação com o mundo. A criança cega não nasce rígida e as pessoas que ficam cegas ou com baixa visão não endurecem de um momento para o outro. Dizemos com isso que não é natural que a pessoa cega tenha um corpo rígido, este corpo é criado por práticas concretas.

A prática da OM no campo da Reabilitação de pessoas com deficiência visual, busca incidir neste problema do deslocamento principalmente através

do uso da bengala longa, também chamada técnica de Hoover. O Programa Nacional de Apoio à Educação de Deficientes Visuais (BRASIL. Ministério da Educação, 2002) destinado à formação de professores para a disciplina de OM, indica: “a mobilidade é considerada como a maior de todas as perdas na cegueira e pode ser definida como a habilidade da pessoa deslocar-se intencionalmente da posição em que se encontra, para uma outra desejada, reagindo a estímulos internos e externos”.

A produção de conhecimento e de técnicas para a reabilitação de pessoas cegas e com baixa visão data do período pós-guerra, quando muitos soldados americanos tinham ficado cegos e precisavam aprender novos modos de circulação. Nesta época, o surgimento da bengala longa foi anunciado como uma revolução para a mobilidade independente da pessoa cega” (SAUERBERGER, 1996 apud HOFFMANN, 2009). A bengala sofreu modificações com o uso e hoje é ‘personalizada’, posto que ajustável à altura, tipo físico e extensão do passo da pessoa. Costuma-se medi-la tendo como referência a distância entre o chão e a boca do estômago. O aprendizado do uso da bengala, quando não acontece desde criança, se dá através de etapas progressivas que fazem parte de um programa de orientação e mobilidade. Geralmente o uso da bengala é uma das primeiras e fundamentais etapas. A instrução se faz através da prática individual e se faz em aproximadamente 300 horas-aula (BRASIL. Ministério da Educação, 2002).

Moura e Castro (2006), ao tratar do aprendizado da OM, não a limitam à vinculação com a bengala e afirmam que a Educação Física é uma das partes mais importantes neste processo, uma grande parceira. Fazendo referência a Laughlin (1971) e Stamford (1975) este autor ressalta que existe, muitas vezes, uma inatividade física nas pessoas com cegueira ou baixa visão, seja pela pouca curiosidade de explorar o espaço, seja pelo medo do desconhecido e também pela superproteção que muitas pessoas recebem de familiares e das pessoas próximas. Nesta direção, a mobilidade física é uma via importante para uma maior auto-atualização e para o sentido de autonomia (CASTRO, 1986). Entendemos que o termo inatividade refere-se à pouca

experimentação. Se uma mãe, para proteger sua filha cega, caminha com ela colada ao seu corpo, muito provavelmente a menina não experimenta ativamente as nuances entre o equilíbrio e o desequilíbrio, uma passada e outra, parar e iniciar um deslocamento. Se uma criança não brinca com objetos e com outras crianças, se não interage no espaço, movimentos básicos como aquele de pegar e dar, empurrar e puxar, abaixar, pular e etc. não são realizados e conhecidos.

Desde 2007, coordenamos uma Oficina de Corpo, Movimento e Expressão no Instituto Benjamin Constant, que busca o ganho de mobilidade para os participantes, através de um trabalho atento e aberto àquilo que acontece. Esta prática, inspirada no Sistema Rio Aberto, visa intervir nas contrações corporais das pessoas com deficiência visual, como pescoço e coluna endurecidos, cabeça que pende para baixo ou testa voltada para cima, pernas e braços pouco flexíveis. Em outras palavras, apostamos que o corpo precisa ganhar articulações. Articulações no próprio corpo, como o movimento dos joelhos e dos cotovelos; articulações entre corpos, com as coisas e as pessoas; articulação com o solo, com o território material e existencial; articulação com ideias e no interior da própria linguagem. Neste sentido, sem poder contar com o sentido visual na experimentação do corpo no espaço, o sentido proprioceptivo nos é muito caro e buscamos explorá-lo.

A propriocepção, termo empregado pela primeira vez por Sherrington por volta de 1906, refere-se à capacidade de reconhecer a posição das articulações no espaço (ANTUNHA; SAMPAIO, 2008). O sentido proprioceptivo é capaz de perceber estímulos originários no interior do próprio organismo. Cada terminação nervosa sensorial informa sobre o movimento e a posição corporal e se encontra principalmente nos músculos, tendões, ossos e labirinto. Na literatura referente à propriocepção, esta está na maioria das vezes vinculada ao campo da reabilitação motora e aos diferentes esportes. Segundo Vogt, Copetti e Noll (2012), a propriocepção é ainda pouco estudada pela psicologia cognitiva, comparecendo nos livros de neurofisiologia, fisioterapia e nas discussões que abordam a reabilitação após lesões. Chama

atenção o fato da propriocepção ser responsável pela percepção da posição, do deslocamento, do equilíbrio, do peso e da distribuição do próprio corpo e das suas partes. No campo da Dança, Cazé e Oliveira (2008) indicam:

Praticar dança permite ao indivíduo cego construir suas próprias ideias de tempo/espço, de manutenção do equilíbrio pela reorganização postural, a partir da utilização dos outros sentidos, do aparato vestibular e da propriocepção. O indivíduo estabelece seu ritmo próprio de aprendizagem através da experimentação, do contato corporal, do toque, da exploração do espaço e dos sons. Os conhecimentos produzidos nestas experimentações são levados para as atividades da vida diária.

A nosso ver, a noção de propriocepção parece indicar uma aliança potente para as pessoas com deficiência visual na percepção do próprio corpo no espaço, já que esta não depende da visão. Ela possibilita uma relação experiencial do corpo e com o mundo ao redor. É interessante pontuar, por fim, que a propriocepção define-se também pela capacidade inconsciente de sentir o movimento e a posição de uma articulação no espaço caracterizada por aferências neurais cumulativas originadas de mecanorreceptores (CONDUTA, 2012).

A partir do método da cartografia (PASSOS, KASTRUP, ESCOSSIA, 2009 e PASSOS, KASTRUP, TEDESCO, 2014) que teve como campo de pesquisa-intervenção a Oficina, pudemos detectar como a prática regular e grupal, em roda, colabora na expansão da prática de OM (POZZANA e KASTRUP, 2016). Queremos avançar e explorar como o sentido proprioceptivo, como um aspecto cognitivo presente nos modos de vida e nas diferentes atividades da Oficina colabora no deslocamento espacial e no ganho de autonomia. Nesta direção, o presente artigo tem o objetivo de discutir o problema da mobilidade da pessoa com deficiência visual a partir da experimentação do corpo e a possibilidade de apropriar-se do que vive, tendo a propriocepção um lugar central nesta relação. A pesquisa-intervenção seguiu acompanhando processos de produção de subjetividade por meio de diários de campo e

discussões teóricas, articulando as práticas corporais que compõem a Oficina de corpo, movimento e expressão que conduzimos no IBC. Tal oficina acontece semanalmente e é frequentada, por livre escolha, por cerca de 30 pessoas com deficiência visual, com idades que variam de 45 a 70 anos. A partir dos encontros do grupo e seus efeitos, destacamos a relevância do sentido proprioceptivo articulado à experimentação do corpo e do espaço.

A SUBJETIVIDADE CORPORIFICADA

O corpo de uma pessoa cega não se separa de sua rede de relações. Amparados na discussão sobre a noção de corpo de Bruno Latour (2007) no campo das ciências, nos interessamos pelo corpo articulado com a capacidade de afetar e ser afetado. Com pessoas cegas e com baixa visão mobilizamos o corpo em conexão com aquilo que o constitui e o acompanha em ação (POZZANA DE BARROS, 2008). O problema do corpo toca diretamente no problema da produção de subjetividade. As subjetividades estão em constante transformação e têm relação direta com o território histórico e afetivo que habita. A subjetividade é um efeito de agenciamentos, resultado de encontros e entrecruzamentos de signos os mais diversos possíveis. Partimos do entendimento de um corpo que não se separa de um modo de vida e de um plano de produção de si e de mundo. O corpo é entendido como abertura ao mundo e, ao mesmo tempo, ação (MERLEAU-PONTY, 1999). O corpo age e sofre efeitos. Ele mesmo é um efeito das práticas que o engendram. Neste sentido, Francisco Varela (2003) é nosso intercessor para pensarmos uma subjetividade corporificada.

Varela (1993) observa que, no campo das ciências cognitivas, há em curso uma mudança paradigmática que se estende cada vez mais. Segundo palavras suas, “bem no centro desta visão emergente está a crença que as unidades próprias do conhecimento são, em primeiro lugar, concretas, encarnadas, corporificadas, vivas” (p.72). O termo *corporificado* é tomado por Varela na pontuação de que: 1) a cognição depende de um corpo com

diversas capacidades sensório-motoras; 2) tais capacidades são atreladas ao contexto biológico e cultural. Buscando explorar a especificidade do corpo na cognição do vivo, enraizando a cognição no concreto, Varela formula a noção de enação (1992, 2003). A enação é uma ação guiada pela sensorialidade, relacionada a uma “cognição corporificada, encarnada, distinta da cognição entendida como processo mental. É tributária da ação, resultante de experiências que não se inscrevem na mente, mas no corpo” (KASTRUP, 2001, p.132). Varela enfatiza assim, tanto os processos sensoriais e motores, como os de percepção e ação, não simplesmente relacionados às contingências dos indivíduos, mas também aos seus respectivos meios histórico-culturais.

Dois princípios são fundamentais para que possamos entender a abordagem enativa da cognição. Primeiro: a percepção é uma ação perceptivamente guiada. Segundo: “as estruturas cognitivas emergem dos padrões sensorio-motores recorrentes que permitem à ação ser perceptivamente guiada” (VARELA, 2003). A noção de ação perceptivamente guiada difere radicalmente da concepção sustentada pela tradição cognitivista computacional, em que o perceber é definido abstratamente. Aqui a questão é: como guiar-se em situações locais? Como a percepção está ligada ao local e os locais mudam segundo a atividade do observador, ganha importância a maneira pela qual o sistema nervoso liga superfícies sensoriais e motoras.

Assim, é a corporificação daquele que percebe, a sua corporeidade e não um mundo abstrato, prévio, que orienta como pode ser uma determinada ação, posto que é ela que indica o que é relevante. Varela se alinha à concepção desenvolvida por Merleau-Ponty e destaca o que considera como “um dos *insights* centrais da análise fenomenológica”.

Assim como observa Merleau-Ponty, o organismo simultaneamente instrui e é modelado pelo ambiente. [...] Devemos ver o organismo e o ambiente como enlaçados em especificação e seleção recíprocas - uma questão na qual necessitamos nos recordar constantemente, pois ela é bastante contrária às visões herdadas, oriundas da tradição cartesiana (2003, p.80-81).

Francisco Varela faz assim uma importante contribuição para a ciência que considera a subjetividade e a interação contínua entre corpo e espírito. O funcionamento do espírito é inseparável da ação sensório-motora e emocional do corpo. O espírito tem uma relação direta com o ambiente, não se situa na cabeça. Reconhecer “a inscrição corporal do espírito” (VARELA, 2003) é não se contentar em observar comportamentos exteriores, deixando de lado o estudo da experiência humana. Petitmengin (2010) indica que o estudo da experiência humana permite dizer que a distinção entre corpo e espírito é muito menos rígida do que parece. “Existem zonas de nossas experiências onde esta oposição se reduz ou mesmo desaparece. É nestas zonas de reconciliação entre corpo e espírito que parece acontecer os processos terapêuticos” (p.3).

Merleau-Ponty (1999) argumenta que a psicologia mecanicista teria falhado ao pensar o corpo como objeto, e não enquanto corpo vivo. Seu conceito de corpo próprio nos indica que o corpo está e é no espaço e no tempo, inseparavelmente engendrados. O corpo próprio nos dá acesso ao solo sensível de onde emerge sujeito e objeto, eu e você, condição de qualquer percepção e produção de conhecimento. O corpo próprio é afetivo. Diferentemente dos objetos externos, ele é sentido intimamente. Não podemos falar de uma dor como se fala de um objeto sobre a mesa. A dor em um pé, por exemplo, não se refere ao pensamento de que meu pé está causando dor em mim, mas sim, a dor vem do meu pé, ou meu pé tem dor. No limite, falar sobre o corpo ou pelo corpo é sempre diferente da experiência do próprio corpo.

Na aposta da potência da experiência do corpo, da subjetividade corpórea, apresentamos a seguir a Oficina, como abordamos na prática a relação corpo-espaço procurando intervir no modo como geralmente a cegueira engendra de modo indissociável, articulações contraídas e mundo perigoso. Buscamos analisar de que forma a prática corporal pode disparar uma experimentação mais ancorada nos sentidos e principalmente no sentido

proprioceptivo, que nos indica como está a nossa postura e a nossa mobilidade no espaço. Na sequência, articulamos a propriocepção à apropriação, apontando nesta conexão uma expansão de território existencial e um ganho de autonomia.

A OFICINA DE CORPO, MOVIMENTO E EXPRESSÃO

A prática corporal grupal que realizamos há 10 anos no IBC, inspirada no Sistema Rio Aberto, cultiva uma atenção aberta à experiência. Semanalmente, por uma hora, nos encontramos para essa oficina, chegamos, tiramos os sapatos, deixamos de lado as bolsas, as bengalas longas e parte de nossas preocupações cotidianas. Nos encontramos na barra fixada nas paredes laterais, onde conversamos um pouco, vamos nos alongando e articulando. Este momento marca o início da atividade e logo instaura uma mudança atencional, uma diferença postural sutil. Aos poucos, com indicações como "sentir o encontro das plantas dos pés com o solo", "o apoio do corpo na barra e depois sem ela", "como está a respiração, as palpitações do coração, a velocidade dos pensamentos", posturas defensivas são desmontadas ao desviarmos a atenção que costumeiramente se volta ao exterior, aos obstáculos e aos ruídos do espaço, para nos voltarmos para nosso estado naquele momento - como estamos sentindo e percebendo nossos espaços, nossos corpos, nossas presenças. Quando todos chegam, damos as mãos, formamos uma grande roda e com o uso da música nos movemos um pouco juntos. As vezes, fazemos isso através de indicações verbais, para estimular movimentos não habituais, como mover a coluna, levantar os joelhos próximos ao peito, esticar os braços e etc. Criamos o costume de realizar, no início da atividade, uma chamada-chamado, que tem como intuito a convocação das presenças no mesmo movimento que compartilhamos, entre todos, quem está na roda. Despertamos o corpo próprio, de cada um e de todos juntos. Podemos dizer que esta oficina foi inventada *com* as pessoas com deficiência visual, pois inicialmente o modo de conduzir a atividade era ainda muito

baseado em signos visuais, como a imitação do movimento e o deslocamento livre pela sala. Já nos primeiros encontros, fomos percebendo que a sala precisava ser apresentada e conhecida mais de perto, que para nos movermos juntos precisávamos criar uma sintonia e trabalhar uma atenção para outros aspectos da experiência corporal, ao som e a modulação da voz, a permissão de tocar nos outros e ser tocado por pessoas que não conhecemos muito. Dar as mãos e nos movermos com este contorno nos possibilitava mais movimentos já que a roda servia também de abraço, limite e ampliação dos nossos corpos no espaço. Tudo isto, com uma temporalidade mais lenta e dando espaços de silêncio e escuta para acompanhar o que nos movia e nos despertava durante as oficinas.

Diversos autores têm ressaltado que as práticas corporais são capazes de produzir uma aprendizagem da sensibilidade e do discernimento pela capacidade de afetar e ser afetado (LATOURE, 2007), pelo corpo próprio como centro de ação e percepção (MERLEAU-PONTY, 1996), pela possibilidade de abrir o corpo e se agenciar com as forças dos outros corpos (GIL, 2004), pelo vibrátil e intensivo nos corpos na experiência com a arte (ROLNIK, 2007), pelo cultivo da presença no ato de criar e conhecer corporalmente através de práticas de meditação (VARELA, 1996).

Podemos dizer que o trabalho corporal busca criar um intervalo nesta engrenagem contraída e intervir no modo mecânico com que uma pessoa cega responde com medo e rigidez aos estímulos do mundo, antes mesmo de dar-se tempo para experimentá-lo. Desse modo, pensamos que por meio de certas práticas que trabalhem na direção da experimentação corporal, alguns problemas existenciais podem ser tocados e mobilizados, como o medo, a desconfiança e a sensação de dependência, às vezes bastante presente. São as práticas que engendram corpo e mundo. Não há o mundo perigoso e absoluto para o cego. Não há o cego nem o mundo. Por certo a cegueira engendra concretamente aspectos motores e cognitivos que não podem ser negligenciados. No entanto, o mundo perigoso e o corpo rígido não são um destino irremovível. Há outros mundos e corpos que podem ser articulados na

vida de cada um. Um mundo convoca um corpo e vice versa. A cegueira entra nesta relação de convocação, que é recíproca e gerada pelas práticas que efetuamos.

ARTICULAÇÕES RÍGIDAS E O MEDO DO MUNDO

É comum escutarmos nos cursos de Orientação e Mobilidade (OM), professores afirmando que portas, pontas, postes, tapetes e degraus são causas de acidentes domésticos e públicos, conferindo a eles o status de perigosos para as pessoas cegas ou ainda para ficarmos cegos. *Gatos em casa são um perigo!* Com esta visão de mundo tomada como ponto de partida, a reabilitação de uma pessoa cega, que se tornou ou que está se tornando cega, é constituída principalmente por ações de controle e proteção. O mundo perigoso se parece com um mundo que existe independente de nossas práticas. Ao objetar tal perspectiva não pretendemos afirmar que não há perigo no mundo. O perigo constitui *um* mundo, mas não *o* mundo. O perigo não se separa do plano das práticas. Com a consideração de que o perigo está no ar respiramos menos, ficamos com o corpo menos oxigenado e vital, nossas articulações ficam rígidas.

A aprendizagem a partir de uma atenção aberta à experimentação pode contribuir para o discernimento daquilo que faz parte de uma determinada situação e pode estar atrelado ou não ao perigo, contribuindo também para a desvinculação entre perigo e o ato de caminhar. O perigo pode se fazer presente segundo um estado de presença, ou na falta dele. Ou melhor, um sujeito preocupado, tenso, pode se relacionar com pequenos acidentes na calçada de modo a não percebê-los bem e se machucar. O mesmo buraco pode passar sem ser percebido como perigo por um sujeito que caminha atento às passadas, ocupado com o ambiente e os movimentos que faz. Com um tempo dedicado à escuta dos sons do entorno, com uma atenção aos ritmos dos passos, da respiração, das batidas da bengala no chão, todo um caminho se abre e é habitado por aquele que passa. Deste modo, podemos

dizer de orientações e mobilidades situadas, articuladas entre si e com o contexto. Até aqui estamos de acordo. No entanto, a aprendizagem do deslocamento de alguém baseada em um mundo *a priori* perigoso e ameaçador por princípio parece restritiva. O mundo é reduzido e a movimentação limitada. Consideramos que a aprendizagem da OM pode ser mais potente se feita de modo vinculado com o que é vital em cada um, com os problemas efetivos, com o desejo de conhecer e compartilhar um mundo. Assim, a aprendizagem precisa se fazer na expansão da capacidade de perceber e agir em contato com o mundo de cada um, concreto.

A cegueira e a baixa visão convocam um outro modo de se mover e se relacionar com o espaço. É neste âmbito que buscamos intervir e contribuir, pois se há riscos de um cego se machucar ao caminhar na rua, há maneiras de perceber, de agir e de interagir que criam caminhos possíveis. O mundo de cada um pode ganhar articulações e ser expandido. Não se trata de dizer para uma pessoa cega caminhar sozinha, pois não há perigo. Não se trata de dizer que ela confie no que dizemos. Trata-se antes de possibilitar que ela experimente o movimento, com seus ritmos e extensões pelo espaço, perceba obstáculos e aberturas no contexto, deixando-a caminhar só ou acompanhada, para criar corporalmente confiança no mundo, produzindo assim uma aprendizagem efetiva, um conhecimento corporificado.

Joana Belarmino de Sousa (2009) afirma que a percepção dentro do não ver exhibe uma transação permanente entre o corpo, o espaço e os eventos do mundo, um permanente trabalho, envolvendo o contato com a experiência. Como cega congênita, Sousa (2004) afirma que o que toca ao indivíduo cingido pela condição da cegueira é a consciência de um corpo tátil, a atenção permanente para as informações que o conjunto de proprioceptores estão a lhe transmitir. Estes são elementos cruciais no seu ser-estar-perceber o mundo à volta. Seu conceito de mundividência tátil diz respeito a uma transação entre mente, corpo, espaço e ambiente. O modo de uma pessoa cega estar no mundo e percebê-lo tatilmente explicita a relação entre o corpo

e o ato de conhecer. Tal ideia faz ressonância com a noção de conhecimento corporificado (MATURANA; VARELA, 1995, VARELA, 1996, VARELA et al, 2003).

A movimentação no espaço deriva inteiramente de uma relação háptica com o mundo, formada por aspectos táteis e cinestésicos (BARBER; LEADERMAN, 1988). Isso indica que a conquista do espaço pelas pessoas cegas e com baixa visão não deve ser feita somente com a mão, na manipulação e na proteção, e com pé, no ato ambulatório, mas sim com o corpo todo. E a propriocepção, como contato sensível através das articulações corporais com o espaço, pode ser uma rica fonte de orientação e mobilidade situada.

EXPERIMENTAÇÃO, PROPRIOCEPÇÃO E APROPRIAÇÃO

Quando há experimentação do corpo no espaço, uma atenção sensível e aberta, o corpo se articula mais, se move em conexão com o espaço, ganha autonomia e liberdade. Dizemos isto a partir de uma experimentação continuada, feita com certa regularidade e acompanhamento.

Encontramos aí uma pista para a aprendizagem da orientação e mobilidade de pessoas cegas e com baixa visão: a importância de uma lida com a propriocepção, a capacidade de ser afetado pelo que transita no próprio corpo (por estímulos originados no interior do próprio corpo), fazendo algo e em contato com um determinado espaço. A propriocepção pode ser a capacidade de manejar sensivelmente ações e percepções (seu mundo próprio) em articulação com outros mundos. A propriocepção é dada na relação do movimento com a posição corporal. O tempo todo, ao fazer algo, mudamos de posição e o espaço se reconfigura. O próprio espaço também se move. A propriocepção é sempre dinâmica e nos acompanha. Para trabalhar com o cultivo e o desenvolvimento da propriocepção é preciso, portanto, despertar uma atenção que acompanha e articula apropriadamente o corpo no espaço. Nesta direção, poderemos dizer de uma apropriação de movimento e de uma mobilidade guiada pelo desejo de fazer algo e não por uma pura responsividade.

Ao dizer de um apropriar-se, indicamos uma atitude que toma para si aquilo que sente no contato com o mundo, se responsabiliza por aquilo que lhe toca buscando dar um destino. Conhecendo concretamente aquilo que lhe toca, sabe dos efeitos e se responsabiliza, portanto, pelo destino, produz mundo. O caminho que se faz ao caminhar. Dizemos, portanto, que apropriar-se de um caminho é tornar própria uma experiência, fazer corpo com ela, afirmando gestualmente o movimento que emerge. Nesta direção, se apropriar do gesto que faz é estar presente no gesto e acompanhar seus efeitos no mundo (e no outro).

Tocamos no tema da atenção e com Latour (2009)³ seguimos o tema da apropriação. No texto *La société comme possession - la 'preuve par l'orchestre'*, Latour, baseado numa frase de Gabriel Tarde, pensa a sociedade como “possessão recíproca, sob formas extremamente variadas, de todos para cada um⁴.” A propriedade pode ser definida, no sentido usual, como exclusividade: o que é meu, não é teu, e vice versa. Deste modo, a frase de Tarde é fraca de sentido. Latour indica que a palavra propriedade pode indicar dois regimes diferentes, um espacial e outro temporal. O primeiro define uma zona exclusiva, um dentro delimitado por fronteiras nítidas. O segundo é um momento em um roteiro partilhado, onde cada um ocupa uma porção. Neste segundo, destacado por Latour, a noção de propriedade traça uma posição que permite que cada um se situe fora (na situação contraditória de relaxamento e atenção) e dentro (em plena posseção de seus potenciais, no seu fazer). Há um duplo sentido da palavra posseção, onde cada um se encontra dos dois lados da fronteira. Do interior é possível dizer que é minha vez e não a tua e de fora, acompanhando o que é feito, cada um pode exercer influência sobre todos. Este aspecto da posseção pode ser pensado como um jogo, onde cada um tem sua vez e não está fora do jogo quando é a vez do

³ Texto acessado via: <http://www.bruno-latour.fr/fr/node/141> (a numeração das páginas obedece ao pdf).

⁴ “Qu’est-ce que la société? On Pourrait la définir de notre point de vue: la possession réciproque, sous des formes extrêmement variées, de tous para chacun” (TARDE, *Monadologie et Sociologie*, p.85).

outro. Em italiano diz-se *tocca a te* (te toca), para indicar que é a tua vez de jogar. Também na língua portuguesa usamos a expressão ser tocado para indicar que algo te moveu, te chamou atenção. Ou ainda, ‘se toque’, para dizer ao outro ‘faça algo, não percebe que é com você!’.

A diferença entre os dois sentidos de possessão provém da repartição de zonas de atenção, que podem ser chamadas engajadas e flutuantes (LATOUR, 2009, p.2). Como exemplo, Latour (2009) evoca a situação de vizinhança, onde cada um possui um terreno. Ao possuir um terreno, minha atenção está ligada a ele de modo engajado. É meu, vivo nele, faço coisas neste espaço. Porém, ao me relacionar com meu vizinho, me interesso pelo seu terreno pelo que acontece ali e pelo que posso vir a fazer no futuro naquele espaço. Minha atenção, portanto estaria mais vaga e flutuante ao ligar-se ao terreno ao lado. Pensando na relação de convívio, o que para mim se faz com atenção engajada se faz com atenção flutuante para meu vizinho, e vice versa. Daí o termo recíproco, importado de Tarde. O que é meu, de uma forma extremamente variada, é de outra pessoa também. “A propriedade para Tarde longe de ser o que congela e paralisa é sempre relacionada ao deslocamento, ao movimento. Não partimos nunca da propriedade para definir o movimento; mas observamos os movimentos e deles deduzimos propriedades” (LATOUR, 2009, p.3).

Fazendo referência ao filme de Fellini, *Ensaio de Orquestra*, Latour indica que o trabalho do maestro é fazer sacudir as rotinas dos instrumentistas, obrigando que cada um fique na sua parte e também fora dela. O final do filme mostra o desabamento de parte de uma bela igreja medieval, que servia de espaço de ensaio. Ao longo do filme o ensaio da orquestra é continuamente convocado, mas o que se assiste são inúmeras exposições individuais, permeadas por problemas e falas pessoais. Os músicos não se relacionam e parece que o desabamento é signo de dissolução de uma organização entre as diferentes expressões musicais, instrumentais, que apontaria a presença de uma reciprocidade. “Se cada um se ocupa só de sua parte e somente dela, não há sociedade nem orquestra” (2009, p.5). Contra o

pensamento de que o todo preexiste às partes, Latour expõe, com Tarde, que cada um possui todos os outros (cada parte possui todas as outras). Referindo-se ainda as mônadas de Leibniz, diz que cada parte é um todo. Latour afirma em articulação com Tarde, que indivíduo e sociedade são movimentos e não seres. A única coisa que é individual, indivisa, é o que circula de mônada em mônada e que permite repartir, no tempo, segmentos de ação, onde cada um discerne as seqüências, enquanto lhes convêm estar atentos sem agir e quando devem estar atentos e agir” (2009, p.11).

A partir da distinção entre atenção flutuante e engajada, que configuram domínios próprios distintos, voltamos ao tema da atenção na sua relação com a propriocepção. Propomos um relacionamento entre corpo e espaço que não se separa de um movimento de posseção recíproca. Há uma estética em jogo, composição de forças no mundo. Ora a atenção está mais voltada para a detecção de signos objetivos no mundo, como perceber um ruído que sinaliza a proximidade de um carro ou a presença de um degrau, ora a atenção está mais voltada para signos subjetivos, um frio na barriga, um não sei quê que me faz devanear. Um cheiro de flor, um vaso sobre a mesa, um cadeado na porta, a letra de uma música, são alguns dos múltiplos afetos que fazem corpo com a gente. Na pulsação entre o corpo e o mundo, é preciso considerar o caráter expressivo captado nos encontros, nos gestos e objetos: uma música que faz romance, outra com notas melancólicas, ritmos diversos, o timbre de voz de um amigo com uma cadência estranha naquele dia específico.

INDÍCIOS DE APROPRIAÇÃO: "NOSSA OFICINA"

Acontecimentos, relatos e observações nos fazem seguir o rastro do movimento compartilhado na oficina para afirmar que houve apropriação da experiência por parte dos participantes, tanto individualmente quanto coletivamente, e isto se relaciona com a ativação do sentido proprioceptivo presente em cada um, entre os corpos e no grupo.

Desde o início houve uma aprendizagem coletiva (POZZANA, 2010, 2013). O manejo da oficina e a movimentação das pessoas com deficiência visual não podia ser à distância por imitação visual. Os efeitos dos encontros precisavam nos guiar e indicar novos modos de fazer, isto indica que o corpo do manejo não se separa do corpo da oficina. O sentido proprioceptivo nos corpos em movimento articulava-se com o espaço da oficina.

Hubert Godard (1998) refere-se a um certo trabalho corporal com o espaço como uma educação necessária para transformar posturas fixadas e modos de perceber marcados por alguma experiência vivida como traumática e até hoje presente nas pessoas. Referindo-se ao trabalho de Lygia Clark, Godard diz que a artista trabalha com o corpo, mas se interessa mais pelo fundo do que pela figura. Na criança, há um olhar da pura sensação. A capacidade de acessar esta sensação vamos perdendo com os inúmeros automatismos e fechamentos que nos restringem para o presente. Esta prática que pode ser entendida como uma educação dos sentidos, leva em consideração que dá no mesmo trabalharmos com o aspecto psíquico ou com aqueles da percepção, pois não há entre eles separação. Entendemos que se interessar pelo fundo indica mais um trabalho vital e sensível, com as sensações do que com a visão e o movimento mecânico, responsivo.

Para Godard, é preciso despertar a capacidade de ser tomado entre dois pólos no interior de cada sentido, 'objetivo e subjetivo', que não se separam e são como disposições atencionais. Com o que exploramos anteriormente com Latour, dizemos da atenção ora engajada e ora flutuante, investindo em objetos, palavras e todo um mundo com significado, mas também em vibrações e afetos vitais. Isto é, há um olhar que vê objetos e formas e um olhar cego, mais subjetivo, que capta o campo de forças. E assim a audição, a escuta de palavras e sons discretos, como a captação de vibrações e ondas sonoras. Esta capacidade plástica, ao ser experimentada, permite criar um diferencial. Podemos assinalar que antes de tratar das contrações musculares e das posturas enrijecidas do corpo que se protege e não confia é preciso despertar esse encontro com o espaço, ativar nele as

conexões e liberar o corpo para uma experimentação que cria com e confia. Perceber-se no espaço refere-se a propriocepção, diferente da visão, do tato, da audição, do paladar e do olfato. É um sentir-se no espaço, sentir o espaço em si, haver um sentimento de si ancorado no sentido.

Algumas experiências emergentes na Oficina, presentes nos relatos de campo, nos fazem pensar que este diferencial criado corporalmente caminha junto com uma apropriação dos acontecimentos. Este diferencial no interior dos sentidos, são como um ir e vir, o mais próximo e o mais distante de si mesmo, que colabora na materialização de um mundo próprio referenciado ao espaço da oficina.

Este aspecto pode ser relacionado, no campo da reabilitação de pessoas com deficiência visual, ao aprendizado de Orientação e Mobilidade. Uma das indicações tradicionalmente feitas no ensino da OM é: primeiro oriente-se e depois mova-se. Numa outra direção, podemos indicar que o corpo no espaço, quando experimentado, quando em contato com um sentimento de si, é já um corpo em movimento e situado. Deste modo, é um corpo do mundo, corpo coletivo, antes de ser meu corpo. Para seguir seu rumo, este corpo precisa sobretudo voltar a si, à experiência, na sua relação com o espaço ao redor, com os afetos em vibração, inibir a responsividade e agir em articulação com o destino de sua transação. A modulação de uma atenção à propriocepção é apropriação de si e de mundo, agir com ela é criar o mundo e a si. São aspectos cognitivos envolvidos na Orientação e Mobilidade de pessoas com deficiência visual.

A partir dos afetos e dos constrangimentos presentes, criamos modos de conduzir a atividade, procedimentos que compõem uma dinâmica própria à oficina. Destacamos alguns e detectamos como a propriocepção está presente e sendo exercitada em diferentes momentos, como: 1) Os participantes chegam na sala e vão entrando sozinhos. Colocam suas coisas nos armários, tiram os sapatos e buscam a barra. Esta barra foi virando referência de chegada com o tempo, onde muitos se encontram e começam a preparar o corpo. Já aconteceu de um ou outro participante começar, espontaneamente,

a indicar algo para que todos comecem a respirar diferente ou a silenciar o tititi habitual, na alegria do encontro. Todos contam com a barra para fazer alongamento, espichar o corpo, o pensamento e trabalhar seu próprio apoio. A barra é uma articulação entre o grupo e o espaço. A barra é uma função de referência para a reunião e a movimentação de aspectos pessoais e coletivos da experiência; 2) Há também uma chegada grupal - uma chamada-chamado - que convoca as presenças e as compartilha para aqueles que não podem ver e saber logo de início, quem está ou não na roda. Fazemos esta chamada convocando uma atenção à postura, à localização do som de quem pronuncia seu nome e etc.; 3) o tema do apoio, o contato com o solo, foi ganhando relevância, para dar sustentabilidade às diferentes dinâmicas e para criar instrumentos que ajudassem a afirmar a oficina como criação de território - em diferentes momentos uma atenção ao solo é convocada; 4) outro item é o tema da fala, que ocupa a função de toque. Ela é criada entre as ações e os corpos presentes, serve para colocar em movimento e compartilhar aquilo que acontece; 5) fazíamos ainda alguns exercícios em duplas e trios, como agenciamentos, bem como os momentos livres na oficina que fazem aparecer o invisível, o plano intensivo de criação, colocando em articulação os afetos presentes onde a relação com o espaço é expandida e explorada; 6) outra prática bem importante, criada com eles, era o fato de lembrar em casa algum aspecto da oficina, ressaltando como a oficina vai se ampliando e reverberando para outros espaços, indicando alguns efeitos terapêuticos emergentes dos corpos em movimento. Este aspecto nos faz lembrar da reconciliação do corpo com a experiência, indicada por Petitmengin (2010) como um traço que pode indicar ganho de autonomia e diminuição de sofrimento.

Um aspecto relevante é o uso do pronome possessivo pelos participantes ao se referirem ao que fazemos de modo próprio. Ao serem perguntados sobre o que podíamos apresentar no final de ano para o Instituto, como modo de agradecimento, ele disseram: “podemos fazer a nossa roda e convidar para entrar”, “também podemos fazer a nossa chamada-chamado”,

“e aquele movimento da nossa tribo”. Inclusive ao comunicá-los que estávamos fazendo uma pesquisa, logo se referiam a ela como o nosso livro, dizendo que queriam que colocássemos os nomes deles, verídicos e não fictícios.

Em contato com toda a prática da oficina de corpo, movimento e expressão e o que aprendemos com a literatura, principalmente com Francisco Varela, Bruno Latour, Hubert Godard e as que se referem à OM e à deficiência visual, pensamos que o modo de estar e se mover no espaço de cada um, acompanhado pelo sentido proprioceptivo, consolida o tempo inteiro possessões. Consideramos que uma prática corporal, como aquela da oficina, deve criar condições para que cada um aprenda com o seu próprio modo de ser. Isto, paradoxalmente, só se faz com a possibilidade de experimentar diferenças no interior de seu corpo próprio. Logo, constata-se que um mundo próprio é feito e habitado por muitas presenças (humanas e não humanas). Presenças próprias quando estou fazendo algo com elas, quando estou engajada em articulação com ela. E presença no território, presença para o coletivo quando estou com uma atenção flutuante, periférica. Uma atenção não exclui a outra, na oficina e na vida. A prática reserva então uma abertura comunicacional com outros corpos, mundos e modos de viver. A propriocepção é então uma interface de contato entre meu corpo, as posições dele em determinadas ações e todos os afetos que se articulam com ele no mundo. Os movimentos do pensamento não se separam do corpo-consciência e da propriocepção. Agir de modo articulado com o território (seja ele próprio, comum ou de outrem) e com zonas indeterminadas da experiência, é condição para uma vida partilhada e confiante na sua existência. Se preciso de segurança e garantias para fazer algo parto de um todo sabido rumo ao que é conhecido e esperado. Não há aprendizado e nem transformação existencial. Ao me mover com medo, contraio o mundo perigoso. Ao me mover com confiança ajo no mundo, há criação com o corpo e com o outro. Tenho então meu corpo expandido. Digo com isso que a oficina é apropriação de mundo, de corpo, de articulações e

de território. Isto faz pensar que o trabalho com o corpo, no sentido de uma expansão da atenção e do território existencial, é também expansão de espaço para a circulação de fluxos de desejo.

REFERÊNCIAS

ANTUNHA, Elsa Lima Gonçalves; SAMPAIO, Paulo. Propriocepção: um conceito de vanguarda na área diagnóstica e terapêutica. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 278-283, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 de maio de 2017.

BARBER, P. O.; LEDERMAN, S. J. Encoding Direction in Manipulatory Space and the Role of Visual Experience. *Journal of Visual Impairment & Blindness*, p.99-106, mar., 1988.

BRASIL. *Programa Nacional de Apoio à Educação de Deficientes Visuais: Orientação e Mobilidade*. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Especial. Projeto ir e vir, 2002.

BUELL, C. Blind Athletes Who Compete in the Mainstream In: _____. BERRIDGE, M.; WARD, G. (Eds.). *International perspective on adapted physical activity*. Illinois: Human Kinetics Publishers, p.173-178, 1985.

CASTRO, J. A. M. Educação Física, Orientação e Mobilidade de Deficiência Visual. In: _____. *Movimento*, ano III, nº5, pg. VIII a XII, 2006.

CAZÉ, C. M. J., OLIVEIRA, A. da S. Dança além da visão: possibilidades do corpo cego. *Revista Pensar a prática*. Volume 11, número 3, 2008. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/3592/4263>. Acesso em 20 de maio de 2017.

CONDUTA, F. L. A importância da propriocepção: Uma revisão bibliográfica. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 16, Nº 165, Febrero de 2012. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd165/a-importancia-da-propriocepcao.htm>>. Acesso em: 28 maio 2017.

CROCE, R.V; JACOBSON, W. H. The application of Two Point Touch Cane Technique to Theories of Motor Control and Learning Implications for Orientation and Mobility Training. In: _____. *Journal of Visual Impairment & Blindness*, p.790-793, jun., 1986.

GIL, J. Abrir o Corpo. In: FONSECA T.M.G. e ENGLEMAN S. (Orgs.) *Corpo, Arte e Clínica*. Coleção Conexões Psi; Porto Alegre: editora da UFRGS, p. 13-28, 2004.

GODARD, H. Olhar cego. In: _____. S. ROLNIK; C. DISERENS (Orgs.), *Catálogo da exposição Lygia Clark: da obra ao acontecimento*. Somos o molde. A você cabe o sopro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo / Musée des Beaux Arts de Nantes, 2006.

GODARD, H. Buracos Negros: uma entrevista com Hubert Godard (por Patrícia Kuypers). In: _____. *O Percevejo* [online], vol. 2, nº 2, julho-dezembro, 2010. Acesso em: julho 2011.

HOFFMANN S. B. *História do Uso e das Técnicas de Manejo da Bengala*. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/uso-de-bengala>> , 2009. Acesso em: maio 2012.

KASTRUP, V. *A Invenção de Si e do Mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas, SP, Papyrus, 1999.

KASTRUP, V. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 16, n.3, p. 7-16, 2004.

KASTRUP, V., et al. O Aprendizado da utilização da substituição sensorial visual por pessoas com deficiência visual: primeiras experiências e estratégias metodológicas. *Psicologia e Sociedade (impresso)*; 21 (2): p. 256-265, 2009.

LATOUR, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A. E ROQUE, R. (orgs). *Objetos impuros: Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, p.40-61, 2007.

LATOUR, B. *La société comme possession - la 'preuve par l'orchestre'*. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/fr/node/141>, 2009. Acesso em outubro 2011.

MATURANA R., H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 2ª edição. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: editora Martins Fontes, 1999.

MORAIS, R., CHIACHIRI, R., MANTOVANI, F. Mediação e Propriocepção. *Revista Eletrônica da Pós-Graduação da Casper Líbero* ISSN 2176-6231. Volume 7, no 3, Ano 2015 Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/03/Mediação-e-propriocepção.pdf>> Acesso em: 28 maio 2017.

PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. *Pistas para o Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulinas, 2009.

PASSOS, E., KASTRUP, V., TEDESCO, S.. *Pistas para o Método da Cartografia: a experiência de pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulinas, 2014.

PEREIRA, L. M. Caracterização do Desenvolvimento Psicomotor da Criança Cega ou com visão residual segundo várias perspectivas. In: _____. *Educação especial e reabilitação*, v.1, p.24-30, 1989.

PETITMENGIN, C. Towards the source of thoughts: The gestural and transmodal dimension of lived experience. *Journal of Consciousness Studies*, vol. 14, n.3, p.54-84, 2007.

POZZANA DE BARROS, L. *O Corpo em Conexão: Sistema Rio Aberto*. Niterói, EdUff 2008.

POZZANA, L. Oficina de Movimento e Expressão com pessoas com deficiência visual: uma aprendizagem coletiva. In: _____. MORAES, M. e KASTRUP, V. (org) *Exercícios de Ver e não Ver: Arte e Pesquisa COM Pessoas com Deficiência Visual*, Rio de Janeiro, Nau Editora, p.76-95, 2010.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. A Prática do Sistema Rio Aberto expandindo o campo da Orientação e Mobilidade. In: _____. Kastrup, V.; MACHADO, A. M. (org.) *Movimentos Micropolíticos em Saúde, Formação e Reabilitação*, Curitiba: Editora CRV, p. 177-202, 2016.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações Contemporâneas do desejo*. Porto Alegre, Sulin; Editora da UFRGS, 2007.

SOUSA, J. B. *Aspectos Comunicativos da Percepção Tátil: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica na PUC (SP), 2004.

VARELA, F. O Reencantamento do Concreto. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1 n. 1, set. 1992.

VARELA, F. Entrevista. In: COSTA, R. *Limiars do contemporâneo: entrevistas*. 1ª edição. São Paulo: editora Escuta, 1993.

VARELA, F. *Ética y accion*. Chile: Dólmen: Granica, 1996.

VARELA, F. TOMPSON, E. ROSCH, E. *A Mente Incorporada: Ciências Cognitivas e Experiência Humana*, Porto Alegre: Artmed, 2003.